

## 1

Conservei-me afastado da Acrópole durante muito tempo. Intimidava-me, aquele penhasco sombrio. Preferia vaguear pela cidade moderna, imperfeita, ruidosa. A gravidade e o significado daquelas pedras trabalhadas prometiam fazer da sua visita uma questão complicada. Converte ali muita coisa. É o que salvámos da loucura. Beleza, dignidade, ordem, equilíbrio. Uma tal visita implica certas obrigações.

Depois havia a questão do seu renome. Via-me a subir as ruas irregulares do Plaka, a passar pelas discotecas, pelas lojas de bolsas de mão, pelas filas de cadeiras de bambu. Lentamente, de todas as vielas tortuosas, em ondas de cor e som, surgiam turistas com sapatilhas listradas, abanando-se com postais ilustrados, os filelenos, arrastando-se encosta acima, terrivelmente infelizes, confundindo-se numa fila contínua até ao pórtico monumental.

Que ambiguidade existe nas coisas elevadas! Desprezamo-las um pouco.

Continuava a adiar uma visita. As ruínas erguiam-se acima do tráfego sibilante como um monumento às esperanças emudecidas. Se dobrava uma esquina, acertando o passo com as pessoas que andavam às compras por entre encontrões, lá estava ele, com o mármore escurecido apoiado na sua massa de calcário e xisto. Se me desviava de um autocarro apinhado, lá estava ele, ao fundo do meu campo de visão. Certa noite (e entramos agora na narrativa) regressando eu de carro a Atenas com uns

amigos após um animado jantar no Pireu, andávamos perdidos numa zona incaracterística qualquer quando voltei bruscamente para uma rua de sentido único, em sentido proibido, e lá estava ele outra vez, mesmo em frente, o Parténon, iluminado por projectores para um acontecimento, uma festa qualquer ou apenas o som e luz de Verão, flutuando na escuridão, uma fogueira branca de tal claridade e precisão que a surpresa me fez travar depressa demais, atirando as pessoas contra o painel de instrumentos e costas dos assentos.

Ficámos ali por um instante a contemplar esta visão. Era uma rua em declínio, com lojas fechadas e demolições, mas os edifícios ao fundo emolduravam perfeitamente o templo. Alguém disse qualquer coisa no banco traseiro, depois veio um carro na nossa direcção, com a buzina a tocar. O condutor pôs um braço fora da janela para gesticular. Em seguida apareceu-lhe a cabeça e pôs-se a berrar. A estrutura pairava sobre nós como um farol. Olhei-a fixamente por mais um instante e saí da rua em marcha-atrás.

Perguntei a Ann Maitland, que ia sentada a meu lado, o que é que o homem me havia chamado.

— Punheteiro. É típico. Um grego nunca diz nada que não tenha já dito um milhar de vezes.

Charles, o marido dela, censurou-me por não conhecer a palavra. Charles considerava um sinal de respeito pelas outras culturas conhecerem-se as expressões locais de insulto e as palavras que designavam actos sexuais e dejectos naturais.

Estávamos os três no banco da frente. Atrás seguiam David Keller, a sua jovem e nova mulher Lindsay e um homem chamado Stock, um suíço ou austríaco estabelecido em Beirute e que se encontrava aqui para tratar de negócios com David.

Havia sempre ao jantar alguém que se encontrava na cidade para tratar de negócios com alguém do grupo. Estes convidados vinham do norte, tinham tendência para ser homens fortes e grosseiros.

Rostos ansiosos, sotaques carregados. Bebiam demais e partiam de manhã.

Com o auxílio de Ann consegui descobrir onde nos encontrávamos e dirigi-me para o Caravel, onde Stock estava hospedado.

— Não é terrível? — disse Lindsay. — Ainda não fui à Acrópole.

Dois meses e meio, não é, David?

— Cala-te. Vão pensar que és idiota.

— Estou à espera que o pano suba.

Declarei-lhe que não era a única que não tinha lá ido e tentei explicar por que motivo tardara em fazer a peregrinação.

— Aquilo está lá, não está? — perguntou Charles Maitland.

— Sobe a colina. A menos que andes a tentar ficar perversamente célebre. O homem que volta as costas ao cume inigualável.

— Será que detecto uma ponta de inveja? De admiração rancorosa?

— Sobe a colina, James. Aquilo está mesmo ali. Parece um gigante. Está tão perto que quase te toca.

Tinha tendência para simular uma impaciência rude. Era um papel em que se sentia bem, já que era o mais velho de nós todos.

— É isso mesmo — respondi. — Essa é que é a questão.

— O que queres dizer? — perguntou Ann.

— Agiganta-se. Tem um aspecto tão poderoso! Quase nos obriga a ignorá-lo. Ou pelo menos a resistir-lhe. Temos a nossa vaidade. Também temos a nossa imperfeição. A primeira é uma invenção desesperada da segunda.

— Não sabia que eras tão profundo — comentou ela.

— Normalmente não o sou.

— Estudaste nitidamente o assunto.

— O raio da coisa está ali há milénios — disse Charles. — Sobe a colina, dá uma olhadela e depois desce em andamento regular, passo a passo, pondo um pé à frente do outro.

— É realmente assim tão fácil?

Estava a começar a divertir-me.

— Acho que devias deixar crescer a barba ou rapar a cabeça

— disse Ann. — Precisamos de uma demonstração física da tua entrega a estas ideias profundas. Não tenho a certeza de que sejas absolutamente sério. Dá-nos alguma coisa em que acreditar. Uma cabeça rapada faria maravilhas por este grupo.

Conduzi ao longo de um passeio cheio de carros estacionados.

— Precisamos de um monge japonês — disse ela a Charles, como se esta fosse uma resposta em busca da qual tivessem andado.

— Rapa a cabeça — ordenou-me Charles num tom cansado.

— É por isso que o teu carro é pequeno demais para seis — disse Ann. — É japonês. Por que é que não trouxemos dois carros? Ou três?

David Keller, um rude nebrasco louro na casa dos quarenta, disse-me com um ar muito sério:

— Jim, creio que aquilo que os nossos amigos estão a tentar mostrar-te, meu rapaz, é que és um louco que leva uma vida de louco num mundo de loucos.

— É melhor guiares, David. Estás demasiado bêbedo para falar. Lindsay compreende aquilo que quero dizer.

— Não queres subir porque está lá — declarou ela.

— Lindsay vai directa às coisas.

— Se não estivesse lá, tu subias.

— Esta mulher tem um dom natural — comentei.

— Encontrámo-nos num avião — disse David. — Algures sobre o oceano. A meio da noite. Hora local — Estava a desbobinar tudo. — Tinha um aspecto esplêndido. Com as meias do uniforme da Pan Am. Só apetecia abraçá-la, sabes? Como um duende. O cabelo parecia que se desfiava deliciosamente. Apetecia oferecer-lhe um *brownie*<sup>1</sup> e um copo de leite.

Quando estacionei junto do Caravel apercebemo-nos de que Stock estava a dormir. Pusemo-lo fora com relativa facilidade. Em seguida deixei ficar os outros e fui para casa.

Estava a viver numa zona residencial que se estende pelas encostas inferiores da colina do Licabeto. A maior parte das pessoas que eu conhecia morava aqui ou nas proximidades. Os terraços fundos transbordam de lantana e jasmim, a vista é panorâmica, os cafés estão cheios de conversa e fumo até de madrugada. Os americanos costumavam vir para sítios como este para escrever, pintar e estudar, para encontrar texturas mais profundas. Agora tratamos de negócios.

Servi-me de um pouco de água gaseificada e sentei-me cá fora por um instante. Vista do terraço, a cidade estendia-se até ao

1 Pequeno bolo feito com chocolate e nozes. (N.T.)

golfo por vales e colinas esfumados, como uma infindável aldeia de betão. Em noites excepcionais, por quaisquer razões atmosféricas, podiam ouvir-se descolar aviões lá em baixo junto da água. O som era misterioso, cheio de ondulações inquietantes, um ribombar forte que parecia levar muito tempo a definir-se como algo mais que uma perturbação da natureza, um acontecimento tumultuoso e obscuro.

O telefone tocou duas vezes, depois calou-se.

Eu voava muito, evidentemente. Todos nós o fazíamos. Éramos uma subcultura, gente de negócios em trânsito, envelhecendo em aviões e aeroportos. Éramos versados em percentagens, em registos de segurança, no humor da morte chamejante. Sabíamos qual a companhia aérea cuja comida nos faria engordar para o dobro, que rotas estabeleciam melhores ligações. Conhecíamos os diversos tipos de aviões e as suas configurações e comparávamos isto com as distâncias que voávamos. Conseguíamos distinguir as categorias de mau tempo e relacioná-las com o sistema de navegação do avião onde nos encontrávamos. Sabíamos quais os aeroportos eficientes, quais os que constituíam uma experiência de eternidade ou de oclocracia; quais os que possuíam radar, quais os que o não tinham; quais os que poderiam estar cheios de peregrinos a fazer o *hadj*<sup>1</sup>. A lista de espera nunca nos apanhava de surpresa e éramos rápidos a identificar a nossa bagagem na pista onde tal era costume e não trocávamos olhares assustados quando as máscaras de oxigénio caíam durante a aterragem. Informávamo-nos uns aos outros sobre que cidades longínquas se encontravam bem preservadas, quais eram famosas por cães selvagens nelas correrem em matilhas à noite, por haver atiradores isolados na zona comercial em plena tarde. Dizíamos uns aos outros onde era preciso assinar um documento oficial para comprar uma bebida, onde não se podia comer carne às quartas e quintas-feiras, onde era necessário dar um passo para o lado para evitar um homem com uma cobra à saída do hotel. Sabíamos onde estava em vigor a lei marcial, onde se efectuavam rusgas, onde eram dados à tortura sistemática, onde se disparavam espingardas de assalto para o

1 Peregrinação a Meca. (N. T.)